

## UMA ANÁLISE DA FLEXÃO DO GÊNERO FEMININO EM LIVROS DIDÁTICOS

Fernanda Rodrigues de Oliveira (Autora)

Prof. Dr. Leandro Zanetti Lara (Orientador)<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho propõe uma análise da categoria morfológica de gênero dos substantivos da língua portuguesa, tendo em destaque a formação do feminino, observada, sobretudo, no âmbito dos livros didáticos. Existe um debate acerca da natureza morfológica do gênero feminino em português: duas interpretações concorrem neste sentido, dividindo a opinião dos estudiosos, que debatem se tal processo é flexional ou derivacional. Por exemplo, em relação às formas “valentona”, “princesa” *versus* “valentão” e “príncipe”, há gramáticos que as entendem como flexão de gênero, enquanto teóricos outros as veem como um processo derivacional. Nosso objetivo nesse trabalho é verificar como os livros didáticos se situam em relação ao debate descrito acima, ou seja, como interpretam a formação das palavras femininas em português.

Palavras-Chave: Categoria de gênero. Derivação. Flexão. Didática do português.

**Abstract:** This work proposes an analysis of the morphological category of nouns gender in Portuguese language, with emphasis on female words formation, observed, mainly, within the textbooks. There is a debate about the morphological nature of female gender in Portuguese: two interpretations compete, dividing the opinion of scholars, who debate whether the process is inflectional or derivational. For example, the forms "valentona", "princesa" (female) versus "valentão" and "príncipe" (male), some grammarians understand them as gender inflexion, while other theorists see as a derivational process. Our goal in this work is to check how textbooks are situated in relation to the debate described above, in other words, how they interpret the female words formation in Portuguese.

Key Words: Gender category. Derivation. Inflexion. Portuguese didactics.

---

<sup>1</sup> Professor da Pós-Graduação *Lato Sensu* do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa, Instituto de Letras, UFRGS.

## Introdução

Este trabalho objetiva tecer uma análise acerca das possíveis interpretações da categoria gênero feminino do português, presentes em obras didáticas, inserindo-se assim nos estudos voltados ao ensino de língua portuguesa. Tradicionalmente a marcação de gênero feminino em português tem sido interpretada como um caso de flexão, porém atualmente os estudos morfológicos vão no sentido de que se trata, na verdade, de derivação. Os pressupostos teóricos desta pesquisa serão Bechara (2009), Cunha e Cintra (1985), Almeida (1956), Cegalla (2008) e Luft (2002), no que diz respeito à tradição gramatical, bem como Camara Júnior (2011) e Zanotto (1996), no que diz respeito à teoria linguística de base morfológica.

### 1. REVENDO A TRADIÇÃO: EXISTE *FLEXÃO GENÉRICA*?<sup>2</sup>

Gênero é diferente e significa mais do que sexo, pois o gênero de uma palavra nem sempre indica o sexo do ser. Segundo o Ferreira (1986)<sup>3</sup>, gênero é definido como: “*Gram.*: categoria que classifica os nomes em masculino, feminino e neutro”. Ou seja, é uma noção gramatical que se atribui a todos os substantivos, que são ou masculinos ou femininos. Segundo Luft (2002), o gênero *gramatical* é um critério puramente linguístico, convencional que divide os nomes em duas classes. Ele diz que a terminologia tradicional feminino/masculino é inteiramente arbitrária e geradora de confusões. O gênero *biológico* é o sexo, categoria linguisticamente facultativa, dependente do interesse ou necessidade no ato da comunicação: *vi um gato, uma pomba (gata?, pombo?) meus alunos (alunas e alunos) foram todos aprovados.*

Ao longo dos anos, muitos substantivos mudam de gênero. Bechara (2009) afirma que essas transformações ocorrem devido a aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), à influência da terminação e ao contexto léxico em que a palavra funciona; esses são alguns dos fatores que determinam a mudança de gênero gramatical. Ele ainda completa:

---

<sup>2</sup> Flexão Genérica é um termo utilizado por Napoleão Almeida.

<sup>3</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* e *baixa-mar* (2009, p.133).

Masculino e feminino é, para a maioria dos nomes, uma imposição gramatical que não interfere no significado. O gênero é atribuído a todos os substantivos independentemente de serem sexuados (quando se enquadram na forma macho/fêmea ou homem/mulher) ou não (a cadeira, o armário, um telefonema).

## **2. A VOGAL TEMÁTICA E O MORFEMA DE GÊNERO**

O morfema é uma unidade mínima significativa que integra uma palavra (KEHDI, 2004). Ele possui traço semântico, é usado para construir outras palavras e não pode ser dividido em formas menores. A representação gráfica e fonológica de um morfema é chamada de morfe. Já o quando temos não temos elementos fonéticos numa dada posição da palavra e este vazio corresponde a um determinado significado, quando comparado a outras palavras cognatas, estamos diante do fenômeno denominado morfema zero (representado com o símbolo  $\emptyset$ ). Muitas vezes, a forma masculina é considerada não marcada, como acontece também com vários nomes femininos. Somente os nomes que podemos acrescentar a desinência [a] para o feminino são marcadas quanto ao gênero, pois estabelece uma posição com a forma correspondente masculina. O que caracteriza o masculino é exatamente essa ausência de qualquer marca, ou seja, o morfema zero. Há diferentes formas de expressar a oposição masculino/feminino mediante os morfemas *-o*, *-e* e  $\emptyset$  e *-a* para o feminino: *monje/monja*; *gato/gata*, *diretor/*diretora*. Zanotto (1996) diz que o processo de flexão de gênero é feito basicamente por meio de um morfema aditivo sufixal, o acréscimo é feito ao radical da desinência do gênero feminino. Além disso, há também processos derivacionais e mudanças morfofonêmicas secundárias, ou seja, alternância fonética vinculada a um determinado morfema.*

### 3. A FORMAÇÃO DO GÊNERO

Os substantivos apresentam quase sempre duas formas distintas para designar os seres: uma masculina e outra feminina. Azeredo (2012) diz que a distribuição dos nomes nesses dois grupos obedece a três ordens de fundamento: gênero por convenção, gênero por referência e gênero por elipse.

O gênero por convenção é o fundamental. É ele que diz respeito aos nomes inanimados, animados cujos gêneros são consolidados pelo uso; há três tipos nessa categoria: nomes que os gêneros são explicitados pelo determinante: o sol, a nuvem, o cônjuge, esta ponte; nomes cuja especificação de gênero está no sufixo: beleza, claridade, espessura, crescimento, fabricação; nomes com significados semelhantes e base mórfica comum, mas lexicalizadas de maneira arbitrária no masculino e feminino: jarro/jarra, espinho/espinha, encosto (costas da cadeira)/encosta (face de uma montanha).

O gênero por referência é atribuído aos nomes de seres animados com formas distintas para nomear o macho e a fêmea da espécie (homem/mulher, ovelha/carneiro, leão/leoa) ou de classificações socioculturais variadas (sobrinho/sobrinha, irmão/irmã, o artista/a artista, autor/autora, rei/rainha). O gênero por elipse é feito de um substantivo base cujo gênero da construção é estendido ao nome que passa a significar um todo: rádio = feminino com o significado de emissora de rádio.

Vejam os processos para distinguir o feminino do masculino utilizando como base os esquemas descritivos de Zanotto, comparando-os com as descrições dos nossos gramáticos e em especial, de Bechara (2009), do qual a obra é a mais completa dentre as gramáticas aqui utilizadas:

#### **a) R + DG**

##### **(radical, mais desinência de gênero)**

Refere-se aos nomes atemáticos. Exemplos: autor autor-a, juiz juíz-a, Peru peru-a, chinês chines-a, espanhol espanhol-a etc.

Obs.: Bechara quando mostra os femininos das palavras terminas em *-or* (que geralmente se acrescenta *-a*) faz uma observação mostrando que alguns substantivos podem fazer o feminino com *-eira*: lavador – lavadeira, arrumador – arrumadeira.

## **b) R - VT + DG**

### **(radical, menos vogal temática, mais desinência de gênero)**

Refere-se aos nomes temáticos. Neste caso, havendo acréscimo da desinência -a, a vogal temática é suprimida. Exemplos: gato gat-a, nosso noss-a, aluno alun-a, mestre maestr-a, oitavo oitav-a, justo just-a etc.

Nesse caso Bechara explica que alguns nomes terminados em “e” são invariáveis (a maioria deles, adjetivos): amante, cliente, doente, inocente, habitante etc. Cunha e Cintra dizem que a igualdade para os dois gêneros em palavras acabadas com -e são naquelas finalizados em *-nte*, mas que há um pequeno número de palavras que faz a substituição de -e por -a. Completa dizendo que as formas gigante (de gigante), hóspeda (de hóspede) e de presidenta (de presidente) têm ainda curso restrito no idioma.

Bechara aponta que as formas *presidente, governante e parente* podem ser flexionadas trocando-se o -e por -a, mas que também elas podem aparecer de forma invariável, ou seja, não estará errado se dissermos a presidente, a governante. Luft exemplifica a mudança de -e em -a apenas com a palavra *mestre*; Almeida apresenta uma lista de palavras alegando que alguns substantivos sofrem alterações no radical antes de receberem a desinência feminina ou que vão para o feminino com desinência especial (entre as palavras estão *conde, marquês, príncipe, papa, herói, avô, re, poeta* etc.).

## **b1) R - VT + DG + alternância vocálica**

### **(radical, menos vogal temática, mais desinência de gênero, mais alternância vocálica)**

A alternância ocorre entre vogais fechadas e abertas. Trata-se de flexão interna submorfêmica. Exemplos: sogro sogr-a, novo nov-a, famoso famos-a, este esta, ele el-a, horto hort-a, porco porc-a etc. Em avô avó, a alternância é morfológica, pois se trata do único traço distintivo entre as duas formas.

Napoleão diz que a palavra *avó* é uma exceção quanto à regra de masculinos que terminam com -ó, Bechara não faz observação alguma, só apresenta a palavra em uma lista também de exceções onde ela está inserida.

## **c) R - VT + alternância /ê/ → /é/ + ditongação /é/ → /éy/ + DG**

**(radical, menos vogal temática, mais troca da vogal do radical /ê/ pela vogal /é/, mais acréscimo da semivogal /y/ no radical, mais desinência de gênero feminino)**

Além da alternância vocálica submorfêmica, ocorre um alargamento (formação do ditongo /éi/). Exemplos: europê europe europeu europeí-a, ateu atéi-a (ateu ateu-a ate-a atéia), plebeu plebéi-a etc.

**d) R - VT + alternância /e/ → /i/ + DG**

**(radical, menos vogal temática, mais troca de vogais, mais desinência de gênero feminino)**

A alomorfa na raiz ou em outros morfemas do radical funciona como um traço redundante na distinção entre gênero masculino e feminino.

Exemplos: jude-u judi-a, sande-u sandi-a, te-u tua.

**e) R - VT + alternância /é/ ou /ô/ + DG**

**(radical, menos vogal temática, mais troca de vogais do radical, mais desinência de gênero feminino)**

Exemplos: ilhé-u ilho-a, capia-u capio-a, tabaré-u tabaro-a

**e1) R - VT + alternância da vogal nasal /ã/ → /õ/ + desnasalização da vogal /õ/ + DG**

**(radical, menos vogal temática, mais alternância da vogal nasal /a/ em /o/, mais desnasalização da vogal /o/, mais desinência de gênero)**

Ocorre com alguns nomes terminados pelo ditongo /ao/. Exemplos: leitã-o leito-a, ermitã-o ermito-a etc

Bechara quando fala dos plurais dos nomes terminados em -ão, cita Mattoso Câmara, que propõe chegar ao tema da palavra através das formas teóricas do plural. Dessa forma, destacando a vogal temática, que passa a semivogal de ditongo em contato com a vogal anterior, teremos o radical. Com isso, na parte da formação do feminino, usa essa teoria para explicar a formação de feminino ão/oa, ão/ona. Para o primeiro exemplo, mostra que há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -a, que favorece o aparecimento do hiato.

bretão (plural bretões – radical teórico bretõ breto(n) + a bretoa

leão leo(n) leona leão leoa

No segundo exemplo, quando o *-ona* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/ como é mostrado no item a seguir.

**f) R - VT + alternância da vogal nasal /ã/ → /õ/ + consoante nasal + desnasalização + DG**

**(radical, menos vogal temática, mais alternância da vogal nasal /ã/ em /õ/, mais troca de vogais, mais acréscimo da consoante nasal linguodental, mais desinência de gênero)**

Ocorre com nomes terminados em /ã/ quando este corresponde a um sufixo aumentativo. Exemplos: valentã-o valenton-a (valentão valenton valentona), chora-o choron-a, solteira-o solteiron-a, sabichã-o sabichon-a etc.

**g) R - VT + SD**

**(radical, menos vogal temática, mais sufixo derivacional)**

Trata-se de nomes temáticos em cujas formas femininas correspondentes, além da desinência de gênero, adiciona-se um sufixo derivacional. Exemplos: gal-o gal-inha, poeta poet-isa, duqu-e duqu-esa, heró-i hero-ína, diácon-o diacon-isa, príncip-e princ-esa, cond-e cond-essa etc.

Cunha e Cintra chamam os sufixos *-esa*, *-essa* e *-issa* de terminações e completam que elas são usadas para os substantivos que designam título de nobreza e dignidades.

**h) R + SD**

**(radical, mais sufixo derivacional)**

Trata-se de nomes atemáticos. Exemplos: cônsul cônsul- esa, czar czar-ina, prior prior-esa etc.

**i) R - SD + SD**

**(radical, mais troca de um sufixo derivacional por outro)**

Exemplos: at-or at-riz, impera-dor impera-triz, embaixa-dor embaixa-triz etc.

Nesses três últimos casos, Bechara em sua obra dá uma lista de nomes que fazem o feminino por meio de sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-triz* e *-ez*, mas

não dá nenhuma explicação sobre esses sufixos. Napoleão expõe uma lista com diversas palavras que contempla os três últimos casos e o caso a seguir como desinência feminina e desinência especial. Entre as palavras que cita estão *avô, duque, herói, rei, réu, frade, conde, papa e perdigão*.

#### **j) R - VT (radical, menos vogal temática)**

Trata-se de morfema subtrativo: ré-u ré, ma-u má, irmã-o irmã

Bechara diz que os nomes terminados em -o (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e são acrescidos de -a e posterior fusão por crase: irmão irmã(o) + a irmãa irmã (por crase) / alemão alemã(o) + a alemãa alemã.

O autor não faz referência em sua obra somente às letras d e e.1, sendo que nas letras g, h e i, como já foi dito, o autor só apresenta uma lista com nomes masculinos e sua forma feminina. O mesmo que é feito por Cegalla. Esse autor, resumidamente, apresenta três formas de realização do feminino e não exhibe nenhuma explicação mais aprofundada. A demonstração das formas é feita dessa maneira:

- ✓ Flexiona-se o substantivo masculino: filho - filha, mestre - mestra, leão - leoa, folião - foliana.
- ✓ Acrescentando-se ao masculino a desinência -a ou um sufixo feminino: autor - autora, deus - deusa, cônsul - consulesa etc
- ✓ Utilizando-se uma palavra feminina com radical diferente: pai-mãe, homem - mulher, boi- vaca.

Depois dos três itens, este gramático apresenta uma grande lista de nomes e sua respectiva forma feminina. Ele faz uma observação mostrando que, nos casos de pai/mãe, boi/vaca, o feminino se realiza por heteronímia, e não por flexão, ou seja, o feminino é feito por outra palavra, de radical diferente. Luft, assim como Cegalla, apresenta resumidamente a marcação de gênero-sexo mostrando algumas palavras com os recursos de desinência e de processo derivativo. Almeida, ao contrário de todos os outros gramáticos apresenta as formas de gênero pelas terminações que elas apresentam, assim apresenta que as palavras masculinas são aquelas que terminam em -o (litro, dó), -i (jaborandi), -u (caju), excetuam-se as palavras avó, lei, tribo; terminadas ainda em -é (café), -em (armazém), -im (brim), -om (dom), -um (dodum), excetuam-se dessas regras maré, chaminé, fé, galé e



todas as palavras terminadas em *-gem*: aragem, linguagem, origem etc, para as palavras terminadas em *-e* átono, mostra que algumas são femininas (fome, sede,) e outras masculinas (pente, pote, leque). Ainda apresenta as terminadas em *-en* (líquen), *-au* (cacau), *-éu* (céu), *-ói* (herói), *-l* (anil, anzol, tonel), *-r* (furor), *-s* (caos), *-x* (tórax), nesses últimos casos, excetuam-se cor, dor, flor, colher e beira-mar, cútis e fênix. Referente aos terminados em *-l*, diz que as exceções são das palavras que no seu primitivo eram adjetivos. Quanto às palavras femininas são desse gênero aquelas terminadas em *-ção* quando abstrato (viração), *-gem* (homenagem), *-dade* (cidade), *-ice* (tolice), *-ã* (avelã) e quase todas as palavras terminadas em *-a* (cama, orelha), excetuam-se nesses dois últimos casos as palavras afã, talismã, ímã, cometa, dia, planeta e outros de origem grega como dilema, lema, grama, telefonema, poema etc.

Este último autor limitou-se a mostrar as transformações das palavras, apresentando apenas suas terminações e as exceções da regra para que possa ser identificado o gênero. Cunha e Cintra apresentam as formas dos exemplos e1, f, g e j, mas apenas com exemplos, não fazem nenhuma explicação sobre o porquê da forma feminina ser realizada de tal maneira. Quanto aos substantivos com femininos formados por outros nomes (homem/mulher), Cunha e Cintra apresentam as formas apontando que possuem radical diferente, Bechara por sua vez aponta que são palavras diferentes para os diferentes sexos, chamando-as de heterônimos. Já Luft diz que são palavras opostas de radical diferente, dito heterônimo. Almeida apenas diz que há nomes que têm o feminino inteiramente diverso do masculino.

#### **4. OS LIVROS DIDÁTICOS E A FLEXÃO DE GÊNERO**

O livro didático *Português Linguagens*, dedicado aos alunos da 5ª série, apresenta o conteúdo gramatical na sessão *língua em foco*. A exposição do conteúdo é feita em quatro etapas: construindo o conceito, conceituando, exercícios e construção do texto. Na primeira parte, construindo o conceito, leva o aluno a construir o conceito gramatical através de um conjunto de atividades de leitura, observação, comparação, discussão e análise. É dado um pequeno texto, poema ou quadrinho e depois são feitas algumas questões sobre ele com interpretações e alguns exercícios de introdução da matéria que será trabalhada a seguir, ou seja, o conteúdo é apresentado de uma forma indutiva.

A parte que nos interessa é trabalhada com substantivos e adjetivos conjuntamente. Para trabalhar a interpretação, a flexão de número e de gênero, é dado um pequeno poema de quatro estrofes. O texto fala sobre diversos tipos de doces. Dado o texto, são apresentadas as seguintes questões:

- ✓ a primeira questão é sobre a classe gramatical da palavra “doce”, que se repete ao longo do texto;
- ✓ a segunda e a terceira questão são sobre interpretação do texto;
- ✓ a quarta apresenta um trecho do livro “O doce mais doce? Você!” e pede a classificação das diferentes classes gramaticais que tem a palavra repetida;
- ✓ a quinta pergunta é sobre o plural das palavras *noz* e *maçã*;
- ✓ a sexta pede para que seja identificado no poema alguma palavra (ovo) que tenha a mesma variação de pronúncia semelhante a que ocorre com jogo/jogos quando pluralizada;
- ✓ a sétima apresenta as formas *juntin* e *agarradin*, explica que são formas do diminutivo próprias do modo de falar e pede que o aluno apresente o diminutivo na variedade padrão;
- ✓ a oitava pede o singular da palavra *pastéis* e pergunta se o aluno conhece outras palavras que são formadas da mesma maneira.

Na seção *construindo*, o conceito acaba no questionário. Pudemos perceber que os autores induzem nos exercícios as flexões do substantivo, a flexão de número predomina nos exercícios, ao contrário da de grau, que não aparece nenhuma vez.

Depois de assimilado, há a formalização na parte *conceituando*, temos então a explicação do assunto do capítulo. Os autores utilizam o poema já apresentado e retiram palavras dali. Iniciam explicando o que é uma flexão, variação que a palavra sofre de acordo com as exigências gramaticais de cada situação, e dizem que possuímos três delas: gênero, número e grau. Então, eles apontam que não devemos confundir sexo dos seres com gênero das palavras, pois todos os substantivos do português possuem gênero e há alguns deles que se referem a pessoas ou animais que apresentam diferenças entre sexo e gênero: a *vítima* - é sempre feminino, o *fantasma* - é sempre masculino. E dessa forma, o gênero é apenas um princípio convencional, isto é, combinado com a língua. O feminino geralmente é formado pela troca de -o para -a ou pelo acréscimo de -a no final da

palavra: *leitor - leitora, rato - rata*. Há uma observação referente aos nomes que admitem dois gêneros, mas seus significados são diferentes, como exemplo eles deram *o cobra - o mais inteligente, a cobra - réptil peçonhento*.

Entrando na parte dos exercícios, que contribuiu para a internalização do conceito, os autores apresentam somente aqueles referentes a duplo gênero. O primeiro exercício explica a diferença entre *o grama* e *a grama*, então é solicitado ao aluno que faça um pedido de 800 gramas de queijo caso ele fosse a um mercadinho. No segundo, é apresentado um poema de Mário Quintana, “Só para si”, o qual é referente a uma cômoda. Então, é sugerido que o aluno reescreva o poema trocando a palavra *cômoda* por *guarda-roupas* e faça as adaptações necessárias, o poema ficaria assim: *Seu guarda-roupas tem três gavetas. E um ar confortável de senhor rico. Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, seu guarda-roupas: gordo, fechado, egoísta*. No terceiro exercício, é pedido que se dê o sentido das palavras destacadas *rádio* e *cara* observando o seu gênero gramatical. A primeira palavra se referia à emissora de rádio e o próprio aparelho e a segunda à expressão de rosto e rapaz. No quarto e último exercício há um quadrinho de Caco Galhardo, ele apresenta dois amigos conversando sobre um jogo de futebol e falam sobre *a moral* da equipe. A questão então sugere que o aluno procure no dicionário o significado de *o moral* e *a moral*, visto que a palavra tem significado diferente dependendo do artigo que é colocado antes dela.

Passando para a explicação da mudança de gênero dos adjetivos, explicam que a formação é geralmente igual à dos substantivos: troca-se o *-o* pelo *-a* ou acrescenta-se *-a*: *lindo/linda, camponês/componesa*. Há alguns deles que possuem somente uma forma para ambos gêneros: *exercício fácil/leitura fácil*. É citado que alguns adjetivos podem oferecer *certa dificuldade* quanto à formação do feminino e são listados alguns exemplos:

- ✓ europeu – europeia
- ✓ chorão – chorona
- ✓ cristão – cristã
- ✓ nu – nua
- ✓ bom –boa
- ✓ mau – má

Na parte dos adjetivos, são apresentados três exercícios: dois de flexão de número e um de flexão de gênero. Algumas frases que os alunos terão de

reescrever usando as palavras dadas entre parênteses. Caso o aluno tenha dúvida quanto ao gênero, deve consultar o dicionário, as frases possuíam o modelo a seguir: A menina sentiu \_\_\_\_ dó passarinho. (muito/muita), champanha e guaraná devem ser \_\_\_\_\_. (servidos/servidas – muito/muita).

Pudemos perceber que os exercícios sobre a flexão de gênero concentraram-se mais nas palavras que possuem gêneros distintos, como já foi dito anteriormente, a flexão de -o para -a aparece somente em um exercício e com a maior parte de adjetivos. No desenvolvimento da formação de flexão, os autores não apresentaram exemplos distintos da flexão -a como duque/duquesa, embaixador/embaixatriz etc, limitando-se somente à troca do -o para -a. Também não apresentam a forma nominal descrita nas gramáticas como comum de dois gêneros, sobrecomum, epicenos, heteronímia. As palavras derivação e desinência não apareceram em momento algum do capítulo, o que leva a verificar que os autores utilizam somente a classificação de *flexão* para a formação do feminino.

O segundo livro analisado possui o nome de *Lendo e Interferindo*, assim como o primeiro destinado aos estudantes da 5ª série do ensino fundamental. Nele há um capítulo dedicado ao estudo do substantivo, temos então a classificação, a formação, o grau e flexão que é parte interessada para este trabalho. Os capítulos do livro são chamados de módulos e cada um desses possui as seguintes partes: *construindo expectativas, lendo, ampliando, produzindo, sistematizando, aplicando e enriquecendo*.

Na primeira parte, *construindo expectativas*, o livro traz uma imagem, um poema ou quadrinho sobre assuntos diversos como poluição, publicidade, arte, tecnologia sobre os quais são feitas algumas questões. No módulo de nosso estudo, é apresentado uma imagem de Cézanne intitulada *Homem de Cachimbo, apoiando-se na mesa*. É informado ao aluno que, na imagem, nota-se uma profunda tristeza na fisionomia do homem retratado. Na sequência, é questionado o que teria provocado tal sentimento: solidão, desgosto?, se o aluno já se sentiu desprezado e como ele reagiu; e inserindo a sessão seguinte, *lendo*, é dado um texto sobre a reação dos personagens a esse sentimento. O texto fala sobre a greve que as estrelas fazem por não receberem mais atenção, não serem mais contempladas. Depois dos textos há algumas perguntas de interpretação, a regra de ortografia diferenciando *cessar/sessar*, os vários significados de *contemplar*, pedindo transcrição de frase com significado aproximado ao de *contemplar* citado

anteriormente, identificação de parágrafos do texto que contenha informação dada, e, por fim, no último exercício, pede-se que o aluno escreva uma história com bastantes detalhes de forma que ela seja bem compreendida. Nessa parte temos uma reflexão sobre direitos e deveres.

Na terceira parte, *ampliando*, é apresentado um poema de Manuel Bandeira, *Libertinagem*, no qual a narração é sobre um porquinho da Índia que pertencia a um menino que não entendia o motivo do animal não aceitar seu carinho. Novamente há algumas questões de interpretações, pergunta-se se o aluno também possui um animal de estimação como o garoto do texto e, se sim, solicita-se para falar sobre ele com seus colegas, compara o primeiro texto com o segundo falando sobre atenção e questiona o aluno se ele já quis brincar com alguém que não lhe deu atenção, se ele já deixou de dar atenção a alguém; a próxima questão fala que todos os cidadãos possuem direitos e deveres diante da sociedade e que às vezes esses são negados e as pessoas procuram maneiras de reivindicá-los, então o aluno é questionado se ele conhece seus direitos, se sabe como reivindicá-los e se conhece seus deveres como cidadão. Ou seja, o texto e as perguntas tratam e inserem a ética no aluno.

A quarta parte, *produzindo*, é trabalhada a narração, focalizando as etapas da narrativa e o foco narrativo. Esta seção conduz a construção da capacidade de relatar um fato, uma história, observando a ordem dos acontecimentos a fim de prender a atenção do interlocutor. São apresentados mais dois textos com exercícios os quais pedem a reescritura de trechos mudando o foco narrativo e passando o texto de narrador observador para narrador personagem. Na quinta parte, *sistematizando*, temos então o início do conteúdo, são apresentados todos os tipos de substantivos comuns, próprios, coletivos, abstrato, concreto; sua formação: simples e composto, primitivo e derivado; sua formação de plural e enfim a formação de gênero, a abordagem é predominantemente morfológica. Em todas as explicações são utilizadas palavras e frases contidas nos textos anteriores, principalmente textos da sessão *lendo*. O trecho a seguir é utilizado para explicar a diferença de gênero: “Todas as noites, as mulheres se punham diante da televisão para ver as novelas. Os homens cochilavam no sofá e a criançada brincava com os computadores. Ninguém tinha tempo de olhar para o céu. Então é dito que as palavras ora são precedidas pelo artigo -o, ora pelo artigo -a e que os artigos indicam o gênero do substantivo e que os substantivos que apresentam uma forma

para o masculino e outra para o feminino são chamados de biformes. Feito isso, é apresentado um quadro informando que a mudança de gênero pode ser feita da seguinte maneira:

- ✓ ão oa – patrão - patroa
- ✓ ão ã – irmão - irmã
- ✓ ão ona – solteirão - solteirona
- ✓ es esa – freguês - freguesa
- ✓ or ora – cantor - cantora
- ✓ e a – presidente - presidenta

É feita uma observação referente às palavras barão/baronesa que fogem da regra -ão. Para os substantivos que apresentam formas diferentes para masculino e feminino é apresentado a seguinte listagem:

- ✓ homem – mulher
- ✓ boi – vaca
- ✓ carneiro – ovelha
- ✓ galo – galinha
- ✓ marido – mulher

Os autores colocam que existem nomes que possuem somente uma forma para masculino e para o feminino e que esses são chamados de substantivos uniformes. De uma forma bem resumida, apresentam os que têm marcação de gênero com auxílio de outra palavra: meu cliente/minha cliente, o fã/a fã e substantivos desse tipo são chamados de comuns a dois gêneros. Explicam que outros acrescenta-se as palavras macho e fêmea: o grilo macho/o grilo fêmea, a girafa macho/a girafa fêmea e nesse caso são chamados de epicenos. Além dos substantivos informados, há aqueles que pertencem somente a um gênero, embora se refiram a sexos diferentes: José é *uma criança* linda / Maria é *uma criança* linda. Esses são denominados sobrecomuns e que às vezes a mudança de gênero condiciona a mudança de significado: a banda – conjunto musical, o bando – conjunto de aves.

São apresentados dez exercícios, dentre eles três são sobre flexão de gênero e os outros são sobre os tipos de substantivo e flexão de número. O primeiro exercício de flexão pede que o aluno passe para a forma feminina os nomes destacados fazendo as adaptações necessárias, temos as palavras poetas, agricultores, homens e astrônomos. O segundo exercício apresenta palavras

comuns de dois gêneros e pede que o aluno procure no dicionário os seus significados e elabore frases com eles, temos as palavras *capital*, *rádio* e *cabeça*. O dever apresenta um pequeno texto chamado “A formiga e a pomba”: *Uma formiga e uma pomba não vivem em mundos iguais, e quase nunca se encontram na vida. Mas eis que surge um momento em que tudo isso muda, quando aparece um perigo e elas precisam de ajuda*. Pergunta-se ao aluno como ficaria o primeiro verso se fosse escrito com os substantivos no masculino. A última parte do capítulo, *enriquecendo*, apresenta o texto *A vitória da infância* de Fernando Sabino. Ele é apenas um exercício complementar de leitura para reforçar as ideias estudadas nos textos anteriores, levando o aluno a se posicionar diante de fatos. Não há atividade alguma relacionada a ele.

## 5. ANÁLISE DOS DADOS

Conforme as gramáticas analisadas, percebemos que a flexão de gênero dos substantivos vai além de acréscimo ou troca pelo morfema *-a*. Algumas gramáticas estudadas mostraram detalhadamente que a mudança de gênero é feita por flexão, derivação e por desinências. Camara Jr. (2011, p. 89) critica algumas gramáticas dizendo que muitas delas têm exposição da flexão de gênero de forma incoerente e cita dois motivos: o primeiro devido ao fato de a flexão ser associada ao sexo dos seres, o segundo motivo incoerente (que além de falar em incoerência também chama de confusão) é não se fazer distinção imprescindível entre flexão de gênero e certos processos lexicais ou sintáticos de indicar o sexo. Completa dizendo que na descrição da flexão do gênero em português não há lugar para os chamados nomes que variam por heteronímia. Ou seja, sua crítica é feita por alguns gramáticos considerarem todos os casos flexão, sendo que muitas vezes não é esta a melhor interpretação. Comparando os dois livros analisados, pudemos perceber que o segundo possui um desenvolvimento sobre a flexão de gênero um pouco mais detalhado. Apresenta mais regras, dá nomes aos tipos de formas de gêneros, mas, assim como o primeiro, não apresenta os conceitos/termos *desinência*, *derivação* e *heteronímia*, ou seja, sugere que todas as formas são somente tipos de flexões.

Faremos um quadro comparativo das formas apresentadas nos livros didáticos a fim de verificar quantas delas apareceram nos livros didáticos analisados. Como a gramática de Bechara é a mais completa dentre as analisadas, teremos

Bechara (2009) como base para a comparação. As mudanças marcadas com “sim” são aquelas apresentadas nos livros didáticos; as marcadas com “não” não aparecem na referida obra consultada.

Mudanças	<b>Lendo e Interferindo</b>	Com regras	Com exemplos	<b>Português Linguagens</b>	Com regras	Com exemplos
mudança de -o para -a	não	não	não	sim	sim	sim
acréscimo de -a				sim	sim	sim
mudança de -a para -e	sim		sim	não		
vogal atemática, -s, -l, -z com acréscimo de -a	não			sim	não	Sim -u/-ua
-ão para -ã por crase	sim		sim	sim		sim
-ão para -oa	sim		sim	não		
-ão para -ona	sim		sim	sim		sim
sufixos -esa, -triz, -isa, -ez, -essa	não			não		
heterônimos	sim	não	sim	não		
mudança de gênero com mudança de sentido	sim	sim	sim	sim	sim	sim
-eu para -eia	não			sim		sim
-eu para -ia	não			sim		sim
-or para -eira	não			não		
-ô para -ó	não			não		
regressão	sim		sim	sim		sim



Mudanças	<b>Lendo e Interferindo</b>	Com regras	Com exemplos	<b>Português Linguagens</b>	Com regras	Com exemplos
comum de dois	sim	sim	sim	não		
sobrecomum	sim	sim	sim	não		
epiceno	sim	sim	sim	não		

Vimos que dos treze tipos de mudança de gênero, somente um deles apresenta explicação. Nas demais transformações, temos apenas lista de exemplos que de nada ajudará o aluno a assimilar como acontecem os processos de mudança. A obra Português Linguagens não mostrou as formas comum de dois, epiceno e sobrecomum. Na versão do livro para professor, temos uma explicação desse fato, os autores citam duas razões para as classificações não aparecerem. A primeira é porque do ponto de vista da linguística atual, essa classificação não dizem respeito à flexão do substantivo, já que a informação sobre o gênero do nome se dá extremamente a ele, ou seja, por seus determinantes em comum de dois e sobrecomum e pela mudança de radical no epiceno; o segundo motivo eles dizem compreenderem que essa classificação pouco acrescenta à construção da competência discursiva do aluno.

## **CONCLUSÃO**

Pela análise de nossas gramáticas, vimos que nem todas elas aprofundam a formação do gênero feminino, algumas delas apenas apresentam listas do nome e da sua suposta forma feminina, mas não fazem explicação alguma do porquê tais palavras não se enquadrarem na regra comum de acréscimo ou troca pela desinência -a. Muitos gramáticos chamam a atenção para diferença de gênero x sexo, Almeida é o único entre os pesquisados que nos diz que o gênero gramatical da palavra é realmente o seu sexo. Almeida, Cegalla e Cunha e Cintra não falam sobre sufixo derivacional, ainda que este último apresente alguns sufixos (-esa, -ina, -essa, -inha, -isa) chamando-os de desinência. Exceto Almeida, os demais gramáticos ou falaram sobre heteronímia ou radical diferente para palavras como

bode/vaca. Almeida apenas diz que há formas femininas que são totalmente diferentes das masculinas.

Referente aos livros didáticos, vimos que assim como algumas gramáticas não trazem explicação dos processos de formação de gênero, se limitam a uma lista de exemplos induzindo o aluno à memorização e sem ao menos saber as regras de transformação. O estudo do substantivo é feito na quinta série, na qual se iniciam os estudos das classes gramaticais, no ensino médio o assunto é retomado, mas de forma mais sucinta. O ideal seria que os livros de séries iniciais fossem elaborados com o conteúdo na íntegra, pois é no ensino fundamental que temos a base para estudos posteriores, e cabe também ao professor que não se limite somente ao material didático, mas também contribua com seu conhecimento aprofundando os conteúdos para que os alunos estejam bem preparados para o ensino médio, que na parte da língua portuguesa faz um grande resumo do que foi aprendido no ensino fundamental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 1956.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua portuguesa**. 44ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens – 5ª série**. 4ª ed. Reformulada. São Paulo: Atual, 2006

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova Gramática de Português Contemporâneo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FRASCOLA, Ana; FÉR, Aracy Santos; PAES, Naura Silveira. **Lendo e Interferindo**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1999.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2002.

KHEDI, Valter. **Morfemas do Português**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2004

ZANOTTO, Normélio. **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. 3ª Ed. Caxias do Sul: Educs, 1996